



## **NOVAS IDÉIAS DE DEFESA PARA AS MATÉRIAS-PRIMAS**

A recessão americana e suas repercussões em outros países demonstraram que o sistema internacional de crédito não é suficientemente elástico e adaptável às oscilações da conjuntura. O crédito baseia-se sobretudo no princípio do velho provérbio: "Não se empresta senão aos ricos". Este é, sem dúvida, um princípio honesto, sólido e, pelo menos aparentemente, pouco oneroso para os credores, pois os riscos não são grandes. Mas tem valor relativo para a economia em seu conjunto, porque acarreta redução dos créditos nos períodos menos favoráveis, em que se tornaria necessária uma expansão.

Por certo, os institutos internacionais de crédito prestaram, durante a recessão também, assistência a países particularmente atingidos pelo recuo econômico, mas os créditos deste tipo que têm caráter de saneamento são raramente encorajadores. Sua importância para a conjuntura é muito limitada, no espaço e no tempo. Eles não bastam para criar outro clima, para estimular a procura e, portanto, a produção, em suma, para anular os fatores que ocasionaram a recessão. Frequentemente, seu efeito psicológico sofre ainda o entrave de condições especiais para a utili-

zação dos créditos, de restrições e medidas de controle impostas aos devedores. Tudo isto é talvez justificado do ponto de vista financeiro, mas, sob o aspecto da conjuntura, é um erro.

Considerações deste tipo fizeram surgir recentemente diversos projetos visando a uma reforma do crédito internacional. O objetivo é minorar, senão prevenir, a recessão por meio de créditos. Sobre esse ponto todo mundo está de acordo. As divergências existem apenas quanto aos meios mais apropriados e ao volume para eles requerido. Isto porque ninguém



quer iniciar uma nova inflação internacional. Eis o duplo problema: estimular a conjuntura, sem provocar efeitos inflacionários. Na época em que a teoria de John Maynard Keynes estava universalmente em voga, tinha-se menos medo de tais efeitos, visto como, segundo Keynes, a depressão é uma grave deflação e a recessão uma pequena deflação; por conseguinte, é preciso combater a depressão e a recessão com medidas inflacionárias. Mas Keynes não conhecia ainda o tipo da recessão atual: aquela que existe em todos os países, onde os preços têm tendência ascendente, enquanto a produção baixa e os outros sinais de recuo da conjuntura são manifestos. Os riscos de uma inflação artificial parecem, portanto, maiores que há 25 anos, na época de Keynes.

Todavia, o medo de inflação não deve paralisar o espírito reformador. Seria lamentável que nos limitássemos exclusivamente à política da taxa de descontos, como se fez nos últimos anos. A taxa de descontos é um método, entre outros, para influenciar a marcha da conjuntura. Não deveria ser o único. A ciência e a arte do crédito, desenvolvidos durante cinco séculos, oferecem ainda outras possibilidades que merecem ser examinadas e adaptadas às circunstâncias.

### **PLANO INGLÊS PARA AS MATÉRIAS-PRIMAS**

Entre os projetos de reforma

distinguem-se, especialmente, um plano inglês e um norte-americano. O primeiro tem caráter oficial: foi o Primeiro Ministro britânico quem o divulgou, em sua recente visita a Washington. Bem entendido, não se trata, até o momento, de um plano tão concreto e preciso quanto os que levaram à criação do Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial. Segundo a expressão do próprio chefe do governo inglês, ele é antes de tudo “uma nova maneira de pensar em matéria econômica”. Contudo, os ingleses não gostam de pensar de modo puramente teórico e platônico. Preferem as idéias realizáveis, e o plano britânico em questão compõe-se também de duas proposições concretas.

A primeira visa à criação de um novo instituto financeiro destinado a conceder aos países menos desenvolvidos créditos em base multilateral. A outra proposição refere-se à venda das matérias-primas no mundo ocidental. Os produtores de matérias-primas devem ser libertos da necessidade de oferecerem seus produtos aos países comunistas. Por certo, o governo inglês não recomenda bloqueio econômico nem refôrço dos embargos para a exportação aos países do bloco oriental. Sabe-se que a Inglaterra se mostrou, no particular, freqüentemente mais liberal do que outros países e que seu comércio com a URSS ultrapassa amplamente o dos Estados Unidos com a União Soviética. Mas o comércio com o Leste deve limitar-se



a transações puramente comerciais e não se combinar com créditos, investimentos, assistência técnica ou outras relações que, mais cedo ou mais tarde, poderiam conduzir a uma infiltração comunista.

A fim de imunizar os países produtores de matérias-primas contra tal perigo, os países consumidores do mundo ocidental devem oferecer-lhes garantias suficientes para a venda de seus produtos a preços remuneradores e estáveis. Esta tarefa caberia naturalmente, em primeiro lugar, aos grandes países industriais. Eles deverão assumir, de maneira justa e equitativa, a responsabilidade pela utilização dos estoques e evitar, assim, as oscilações desmedidas dos preços.

Evidentemente, "a nova maneira de pensar" não é inédita. Idéias deste tipo já foram muitas vezes expostas, mas constitui, sem dúvida, um progresso o fato de que o chefe do governo de um grande país consumidor de matérias-primas as propague e considere como base para a reforma da economia mundial.

### O PLANO MONRONEY

O plano do senador americano Monroney inspira-se também na idéia de que os países industriais deveriam ocupar-se mais com os países menos desenvolvidos e em particular com os produtores de matérias-primas. Ele prevê a criação de um novo instituto de crédito, que poderia ser ligado ao Banco Mundial, mas com recursos próprios. O nome proposto para



## TRÊS VÔOS SEMANAIS PARA A EUROPA!

Aviões Super G \* Vôos às terças, quartas e sábados \* Vôo direto Rio-Dakar \* Nos vôos das quartas-feiras, Dakar-Paris \* Classe de Luxo e Classe Turista.

# AIR FRANCE

A MAIOR REDE AÉREA DO MUNDO

Av. Rio Branco, 257 - A - Tel. 42-8838

Ou na sua

Agência de Viagens





êste organismo é o de International Development Association. Seria dotado, desde o início, do capital de 1 bilhão de dólares, para o qual os Estados Unidos contribuiriam com um terço; os outros dois terços seriam constituídos por contribuições dos demais membros. Êste esquema financeiro assemelha-se ao sistema das quotas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Entretanto, a Associação Internacional de Desenvolvimento deve dispor ainda de outros meios. O senador Monroney recomenda, para tanto, a mobilização dos haveres dos Estados Unidos em moedas não conversíveis. O total dêstes haveres é atualmente muito elevado; provém, especialmente, das vendas de produtos agrícolas americanos, contra pagamento em moeda não conversível dos países compradores. Mais de 25 moedas diferentes, entre as quais o cruzeiro constitui importante parcela, encontram-se à disposição dos Estados Unidos, mas são para êles divisas mortas, pois não podem ser utilizadas para a compra de produtos dos respectivos países.

Êstes haveres tampouco poderão ser utilizados pela Associação como meio de pagamento de máquinas aos Estados Unidos ou em outros países que exigem moeda "forte". Mas poderiam ser investidos, sob a forma de empréstimo, no país do qual se originam. A maioria dos investimentos nos países menos desenvolvidos, por exemplo, a construção de uma usina de

eletricidade, exige parte em divisas e parte em moeda nacional. Em geral, a parcela em divisas é mais difícil de ser obtida. Mas, como êstes países não possuem amplo mercado de capital, o financiamento da parte em moeda nacional também oferece freqüentemente dificuldades. As empresas privadas recorrem ao autofinanciamento. São, por isso, obrigadas a manter grandes reservas, o que contribui, em última instância, para o aumento dos preços. As repercussões são mais nefastas ainda quando se trata de investimentos públicos, que aumentam o deficit orçamentário e são, em última análise, financiados por meio da inflação.

A fim de reduzir êstes métodos de financiamento duvidoso, o senador Monroney propõe que a Associação dê, além de crédito em dólares, "soft loans", ou seja, empréstimos a longo prazo e taxas de juros baixas, estipulados e reembolsáveis em moeda nacional do país devedor.

O Plano Monroney não encontrou boa acolhida em tôda parte. Em particular, a observação de seu autor de que os empréstimos da Associação poderão substituir a ajuda americana no exterior suscitou vivas críticas. Entretanto, o plano contém idéias interessantes e novas.

### REFORÇO DAS INSTITUIÇÕES EXISTENTES

Outros projetos limitam-se à ampliação das instituições internacionais existentes. Discute-se o



aumento, até 50%, das quotas do Fundo Monetário Internacional. Em todo caso, far-se-á uma revisão das quotas, das quais algumas não correspondem mais à situação econômica dos respectivos países. A quota da Alemanha, por exemplo, é apenas de 330 milhões de dólares, enquanto a da França se eleva a 525 milhões e a da Índia a 400 milhões. O pagamento em ouro da Alemanha, que possui hoje reservas desse metal no valor de 3 bilhões de dólares, limitou-se a 33 milhões de dólares — a metade do que pagou em ouro a Holanda. Tais desproporções exigem um ajustamento, o que poderia reforçar o capital de movimento do Fundo Monetário Internacional.

Mais importante para os países menos desenvolvidos seria um acréscimo, ou uma utilização, melhor, do capital do Banco Mundial. Já no ano passado o Banco intensificou suas atividades. No fim do primeiro semestre de 1958 os empréstimos comuns por eles concedidos montavam a 650 milhões de dólares. Embora este total ultrapasse de muito o nível de junho de 1957, é bem inferior à quota de garantia dos Estados Unidos. Mesmo sem aumento de quotas, o Banco Mundial poderia, por conseguinte, ampliar ainda consideravelmente seus empréstimos, seja em dólares, seja em outras moedas utilizáveis para o equipamento dos países menos desenvolvidos.

Em síntese, não são os meios nem as idéias, que faltam para se proceder a uma reforma do sistema internacional de crédito.